

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA
CAMPUS DE SÃO MIGUEL DO OESTE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE ESPECIALIZAÇÃO
ARTETERAPIA, EDUCAÇÃO E SAÚDE**

MARCOS ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

**A ARTETERAPIA COMO ELEMENTO CURADOR E CONTRIBUTO NA
FORMAÇÃO HUMANA DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE PROGRAMAS
SÓCIO-EDUCATIVOS**

São Miguel do Oeste, SC

2015

MARCOS ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

A ARTETERAPIA COMO ELEMENTO CURADOR E CONTRIBUTO NA
FORMAÇÃO HUMANA DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE PROGRAMA
SÓCIO-EDUCATIVO

Monografia apresentada à UNOESC –
Universidade do Oeste de Santa Catarina –
Campus de São Miguel do Oeste, como pré-
requisito para obtenção de certificado de
conclusão do curso de pós-graduação –
especialização em Arteterapia, Educação e
Saúde.

Profesora: Ms. Maria Goreti Baptista Betencourt

São Miguel do Oeste, SC

2015

MARCOS ANTONIO GOMES DE OLIVEIRA

A ARTETERAPIA COMO ELEMENTO CURADOR E CONTRIBUTO NA
FORMAÇÃO HUMANA DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE PROGRAMA
SÓCIO-EDUCATIVO

Monografia apresentada à UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina – *Campus* de São Miguel do Oeste, como pré-requisito para obtenção de certificado de conclusão do curso de pós-graduação – especialização em Arteterapia, Educação e Saúde.

Aprovada em outubro de 2015.

Prof^a Orientadora Ms. Maria Goreti Betencourt
Supervisora Geral do NEXPP-AGECOM/UPF
Professora da FAC/UPF

Prof^a Ms. Marilei Teresinha Dal Vesco
Coordenadora do curso de pós-graduação especialização em Arteterapia, Educação e Saúde da UNOESC

A
Catiussa minha esposa e José Henrique, meu filho e meus grandes motivadores.

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A cima de tudo ao meu DEUS, criador de Tudo! A Ele a Glória para sempre...

A todos aqueles que entrevistei, pela confiança em prestarem seus depoimentos, e posteriormente participarem do processo de arteterapia.

Aos colegas da área da educação que acreditaram em meu trabalho, pela confiança em abrir as portas da escola para colocar em prática todo conhecimento teórico adquirido.

Aos meus familiares e amigos pela paciência e compreensão da ausência nesse período de formação.

E aos professores por compartilharem seus conhecimentos.

Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se advinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. Paulo Freire, 1995.

RESUMO

A monografia ora apresentada relata o trabalho desenvolvido na área da saúde mental e educacional de alunos adolescentes em seus processos de formação pessoal. Como a arteterapia pode contribuir neste processo de formação para que o adolescente em plena fase de conflitos pessoais possa conviver harmoniosamente com outros, desenvolvendo-se e deixando o outro se desenvolver de forma saudável, de modo a contribuir para com o bem coletivo.

Estudou-se casos de alunos com problemas de indisciplina comportamental no ambiente escolar, as causas e consequências, as motivações e desmotivações, objetivando fazer com que este adolescente refletisse enquanto indivíduo com suas características e necessidades pessoais, mas como ser participante da coletividade. O processo foi dividido em pesquisa-ação, com levantamento de dados e posterior análise e aplicação de atividades de arteterapia em grupo.

Resultando em reflexões e melhora significativa dos alunos tanto no ambiente escolar, quanto familiar, baseado em relatos de pais, professores e próprios colegas da sala de aula destes alunos.

Palavras-chave: adolescência – sociedade - comportamentos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA ARTETERAPIA.....	10
3 REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO.....	14
3.1 O MOMENTO DA PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS E DO AMBIENTE.....	16
3.2 O ACOLHIMENTO DO(S) PARTICIPANTE(S).....	17
3.3 O RELAXAMENTO.....	17
3.4 REFLEXÕES SOBRE AS ATIVIDADES ARTETERAPÊUTICAS.....	18
3.4.1 O adolescente e o (s) ambiente (s) de seu desenvolvimento.....	18
3.4.2 O ambiente da vivência: o comportamento disciplinar dos adolescentes.....	19
3.4.3 O contexto escolar na vida adolescente.....	20
4 REFLEXÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo refere-se às vivências arte terapêuticas, que compõem o Estágio Profissional, do Curso de Pós-graduação Arteterapia, Educação e Saúde, o qual prevê que ao final do curso o acadêmico realize uma proposta de intervenção junto à comunidade, possibilitando-nos investigar as possibilidades da Arte como processo terapêutico. O tema norteador deste trabalho é pautado nas contribuições da arteterapia para o desenvolvimento pessoal de adolescentes em sua vida escolar.

As práticas foram desenvolvidas com alunos assistidos pelo programa Mais Educação, um programa social do governo do estado inserido em toda a rede estadual de educação, o qual oferece oportunidade de melhoramento em seu desenvolvimento inter e intrapessoal, a partir de atividades como; música, esportes, informática, aulas de reforço específico entre outros.

2. METODOLOGIA

2.1 REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DA ARTETERAPIA

Considerando os problemas de indisciplina existentes no ambiente escolar, devido a inúmeros fatores, dentre eles, o abandono intelectual dos pais, falta de motivação para estudar e aproveitar o espaço escolar para seu desenvolvimento existe na escola casos de alunos que possuem Boletim de Ocorrência registrado por professores e direção da escola devido a desacato e falta de respeito para com os profissionais da escola e até mesmo com colegas de sala de aula. Os casos de indisciplina têm aumentado na escola nos últimos meses, daí tem surgido a necessidade de se trabalhar com este público alvo, focado o tema Eu e o Outro; como seres da coletividade.

Há, inclusive casos de pais de alunos que os abandonaram, e muitos convivem com parentes ou pessoas distantes afetivamente, como padrastos e madrastas, e, portanto, não recebem assistência necessária para seus desenvolvimentos educacionais. Neste sentido, a especificidade humana no tocante a educabilidade, que versa um conjunto iniciado nos laços familiares, muitas vezes é rompido e os reflexos ficam nítidos quando estes seres saem do ambiente familiar e ocupam outros espaços. Conforme Vygotsky (1987: p. 182 - 187)

“As ferramentas psicológicas são formações artificiais; são sociais por sua natureza, e não dispositivos orgânicos ou individuais; seu objetivo é governar os processos de atuação, alheia ou própria, do mesmo modo que se dirige à técnica para governar os processos da natureza” (...) “No processo de desenvolvimento a criança se arma e se rearma com diferentes ferramentas. A criança de um grau superior se diferencia de outra de um grau menor pela medida e pelo caráter de seus meios, de seus instrumentos, quer dizer, pelo grau em que governa sua própria conduta.”

A Arteterapia vem se difundindo no Brasil e trazendo inúmeros benefícios às pessoas que vivem, e, ou convivem com os mais variados tipos de dificuldades, sofrimentos e problemas diariamente. A Psicologia é a ciência do comportamento e dos processos mentais do ser. Tem seus primeiros registros na Grécia antiga, com o filósofo Aristóteles, que discorreu sobre sonhos, sonos, sentidos e a memória.

No campo da Arteterapia há muitas citações que de sua origem, sendo diversas épocas e locais, mas os mais marcantes fatos de estudos marcam os

séculos XVIII e XIX. Nos países da França, Estados Unidos e Inglaterra estão as mais remotas pesquisas de estudo desta modalidade ramificada da psicologia. Carl Jung declara que a *“Arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida.”* (JUNG, 1920).

Já no Brasil, a junção de estudos das áreas psicopedagógicas e da Arteterapia foi iniciada por Lou de Olivier a partir da década de 1990, justamente em crianças e adolescentes com distúrbios de aprendizagem, o que neste caso torna-se aqui objeto de estudo e pesquisa com essa faixa etária. Para OLIVIER (2009, p.60):

É preciso frisar que a arteterapia (assim como Musicoterapia) é a área profunda e séria e não pode ser banalizada nem intitulada como “Terapia Alternativa” como tem sido citada. Ela é, no mínimo, uma terapia complementar e, quando bem aplicada, é das melhores.

E nesta sequência de raciocínio e tese de defesa da preparação e seriedade que o profissional precisa ter para exercer de maneira a mostrar resultados satisfatórios nos momentos ateterapêuticos, Olivier ainda destaca a seriedade dizendo que:

A arteterapia exige uma sólida formação [...] com estudo e vivências (em música, desenho, pintura, dramaturgia, danças diversas e poesia, passando evidentemente pelo psicodrama e outras técnicas essenciais. Sendo assim, torna-se muito restrito o número de profissionais realmente preparados para atuar com Arteterapia de forma ampla.

Destaca ainda que dependendo da técnica utilizada os resultados podem ser alcançados de forma satisfatória ou não, por isso o profissional precisa considerar a necessidade individual de cada participante, sugere ainda que se para um o teatro terapêutico e o psicodrama podem ser o melhor tratamento, para outro pode ser fator regressivo nos resultados. Neste sentido destaca que (Olivier, 1999 e p.32): “Portanto, o profissional que se propõe a atuar com Arteterapia tem que ter bom preparo e experiência e buscar conhecer todas as técnicas de expressão artística e arteterapêutica.”

Entre estudos e pesquisas, no campo da mente, muitos fatos e fatores são considerados, dentre eles; a individualidade, as experiências e as vivências particulares de cada indivíduo, o que cada um pensa e acredita, suas ideias, seus ideais e suas ideologias. O estudo da mente da humanidade tem trazido grandes

avanços na área da tecnologia e consideráveis contribuições no campo das ciências, portanto, não é possível discorrer sobre os elementos arteterapêuticos sem remeter-se aos estudos psicológicos, pois um paciente de Arteterapia não necessariamente precisa entender de Arte para participar de um tratamento de Arteterapia, porém, é importante que o arteterapeuta conheça a história da pessoa com a qual irá trabalhar/tratar, para que assim, possa oferecer uma proposta que traga bons resultados.

O ateliê é a estrutura ideal para facilitar a expressão do self e a criatividade, cuja qual, o indivíduo possui total liberdade para expressar-se, sem que haja qualquer espécie de padrão. A intervenção, todavia, no processo de Arteterapia individual é flexível, e molda-se de acordo com as necessidades de cada paciente. Já na Arteterapia de grupos, existem variadas formas de curto e longo prazo, porém, em todas as opções, as dinâmicas de interação e integração grupal são utilizadas como ferramentas terapêuticas.

Conforme a definição de Ciornai y Diniz (2008, p. 58):

Ainda que a noção de “arteterapia” geralmente inclua qualquer tratamento psicoterapêutico que utiliza como mediação a expressão artística (dança, teatro, música, etc.), limitamo-nos, aqui, ao que diz respeito à representação plástica: pintura, gravura, modelagem, máscaras, marionetes... Estas atividades têm em comum a objetivação de representação visual do domínio figurativo a partir da transformação da matéria. Visto ser essa uma área recente, que data do pós-guerra, é preciso tomar a palavra “arte” no sentido que ela adquiriu na segunda metade do século, onde não é mais o ofício da recriação da Beleza ideal, como também não está a serviço da religião ou da exaltação da natureza.

Pensar na saúde mental das pessoas é indispensável para um bom arteterapeuta, a reabilitação psicossocial do paciente é o segredo do sucesso de um bom tratamento, sempre considerando a valorização do indivíduo e a melhoria da sua qualidade de vida. A Arteterapia vem agregar aos profissionais que desejam ver o bem individual e coletivo, que desejam uma melhora significativa no quadro clínico dos pacientes, e cada vez mais estes profissionais precisam estudar os fatores implicantes à profissão, sejam eles: arteterapeutas, arte-educadores, terapeutas expressivos, musicoterapeutas, enfermeiros, médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, assistentes sociais, artistas plásticos, entre outros.

Ante uma sociedade globalizada, que se une cada vez mais, mas que ao mesmo tempo se distancia cada vez mais é um grande desafio trabalhar o resgate

de muitos valores que acabam se perdendo, e conseqüentemente, vem acarretar sérios problemas de saúde às pessoas. O homem hoje, com toda tecnologia que desenvolveu, tem facilidade de ir à Lua, porém, não consegue atravessar a Rua para abraçar um vizinho e saber como ele está. E devido aos tantos avanços tecnológicos, o estresse do dia-a-dia, o esgotamento físico e psíquico, a busca desenfreada pelo avanço, pelo domínio, pelo poder, faz com que cada vez mais se tenha uma rapidez enorme no desenvolvimento de determinadas áreas, e acaba assim, adoecendo o homem, que vive um tempo de refeições rápidas e digestões lentas.

A arteterapia entra justamente no campo de conflito do ser, fazendo com que este, que não tem tempo para parar, reflita-se, avalie-se e reavalie-se, pois o homem sempre será homem, ou seja, sempre será um pobre mortal, composto de corpo, alma e espírito.

3 REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO ARTETERAPÊUTICO

O acesso ao conhecimento se apresenta como parte fundamental no processo da formação humana, bem como para o desenvolvimento aos estímulos de aprendizagem no processo educativo. Idealmente, o conhecimento deve ser percebido e absorvido pelo indivíduo de modo que ele possa ter rebatimentos em todos os meandros do potencial intelectual. Saber a forma como as informações se apresentam na vida desses adolescentes poderá contribuir para o processo de formação do cidadão.

O estudo foi realizado de modo que houve intervenção de campo na forma de pesquisa-ação, que, conforme Franco (2005, p.94) “Considerando-se a pesquisa-ação um processo eminentemente interativo, a análise da qualidade da ação entre os sujeitos que dela participam é fundamental para definir sua pertinência epistemológica e seu potencial praxiológico.” O momento vivenciado possibilita que haja interferência diretamente com o sujeito participante do momento arteterapeutico, sendo possível que o estagiário se aprofunde na problemática.

Após a aplicação das metodologias optadas, buscou-se questionar os participantes sobre as vivências das mais variadas atividades cujas quais pode interagir.

Para Barbier (2002, p. 117) o verdadeiro espírito da pesquisa-ação consiste em sua “abordagem em espiral”, o que significa que todo avanço em pesquisa-ação implica o efeito recursivo em função de uma reflexão permanente sobre a ação.

E, conforme Franco (2005, p. 98), “Essa reflexão permanente sobre a ação é a essência do caráter pedagógico desse trabalho de investigação. Nesse processo de reflexão contínua sobre a ação, que é um processo eminentemente coletivo, abre-se o espaço para se formar sujeitos pesquisadores.” E, ainda segundo a autora, essas aspirais cíclicas exercem funções fundamentais na pesquisa-ação, tais como; instrumento de reflexão, de autoformação, de amadurecimento e potencialização das apreensões individuais e coletivas, e instrumento de articulação entre pesquisa – ação – reflexão – formação.

O tema gerador justifica-se em muitos exemplos de superação que existem hoje em nosso país, adolescentes que conviviam com a violência, fome e negligência social, a partir de uma oportunidade de inclusão, conseguiram a superação, sendo hoje cidadãos que se destacam na sua conduta, personalidade,

reputação e são exemplos de superação. A arteterapia contribui para o processo de adolescentes, sentirem-se sujeitos de sua própria história, no sentido de lhes possibilitar formas diferenciadas de percepções sobre o mundo, e as possibilidades deste para as suas vidas no mundo do trabalho, busca pela formação especializada, vida em sociedade e investimento pessoal para as mudanças de vida e comportamentais.

Primeiramente foi feito contato com a direção da escola e também com a coordenação do Programa oferecido aos alunos, com o intuito de saber da possibilidade e viabilidade de desenvolvimento da pesquisa. Foram apresentados os objetivos da referida pesquisa e solicitada autorização para uso de alguns documentos que serviram para obter alguns dados necessários para a análise dos resultados obtidos com o estágio.

Após o contato feito com a administração escolar, foi a vez do primeiro contato com os participantes. A eles foi apresentado um questionário com algumas questões relevantes para a compreensão da realidade cuja qual cada um está inserido, em seu contexto e realidade social.

Segundo Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 53), grifo dos autores):

O questionário é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja. Em geral, a palavra *questionário* refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche. [...]. Ele contém um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central. [...]. Todo questionário deve ter natureza impessoal para assegurar uniformidade na avaliação de uma situação para outra. Possui a vantagem de os respondentes se sentirem mais confiantes, dado o anonimato, o que possibilita coletar informações e respostas mais reais [...]. Deve, ainda, ser limitado em sua extensão e finalidade. [...]. Devem ser propostas perguntas que conduzam facilmente às respostas de forma a não insinuarem outras colocações.

A partir das respostas obtidas foram analisadas e selecionadas as melhores técnicas possíveis para que mostrasse os resultados significativos e o êxito conforme os objetivos propostos.

Foi utilizada durante a pesquisa a técnica do Grupo Focal. Para Gondim (2003) o Grupo Focal pode ser considerado “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”, cujo principal objetivo é obter

informações do entrevistado. Para a autora (2003, p153), grupo focal pode ser definido como:

Um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um *roteiro de entrevista* constando de uma lista de pontos *ou* tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida.

Reforçamos a técnica do grupo focal tendo em vista que em grupo as pessoas podem se sentir acolhidas e abrir o coração e expor seus sentimentos, o que talvez fosse mais difícil se o trabalho tivesse acontecido individualmente. Os participantes puderam ser levados a perceber que todos tem problemas e que muitas vezes o problema de uma pessoa pode ser o problema de outras também. A coleta de dados foi feita a partir das falas e expressões espontâneas que aconteceram durante as vivências, que após, organizado o grupo focal, aconteceram as produções das artes plásticas e uma roda de conversa para exposição espontânea.

Durante o estágio foi feito o registro no diário de campo, após fez-se a reflexão dos resultados da pesquisa, com base nos autores que embasaram o estudo.

Os encontros acerca arteterapêutico, privilegiaram a vivência como um todo, com especial atenção para a singularidade e a subjetividade do universo do (s) participante (s).

3.1 O MOMENTO DA PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS E DO AMBIENTE

O preparo dos materiais se deu ao longo da caminhada durante os encontros presenciais das aulas do curso de especialização, os materiais foram sendo organizados para utilização neste momento. Tudo foi preparado de acordo com a proposta, e a partir das vivências pessoais do acadêmico, sempre pensando na adaptação das técnicas para serem aplicadas a adolescentes.

O ambiente foi reservado em um espaço do auditório da escola, um local silencioso e de pouca movimentação de pessoas próximo a este local, o que facilitou a concentração, ouvia-se apenas alguns ruídos de carros, quando passavam pela

rua próxima, e também em alguns momentos utilizou-se uma sala de aula normal reservada para os momentos arteterapêuticos. Utilizamos as cadeiras para as conversas de roda, e o apoio destas para desenvolver as atividades plásticas, e em alguns momentos sentamos no chão, já que este permanece sempre bem cuidado e limpo, possui revestimento em carpe.

3.2 O ACOLHIMENTO DO(S) PARTICIPANTE(S)

Desde o início houve preocupação em fazer com que o participante, neste caso, adolescentes, pudessem tirar de seu imaginário o ambiente formal escolar, não havia proposta de trabalhar questões escolares, muito embora, o foco era perceber os reflexos da vida particular do aluno nas causas escolares, então houve preocupação em deixar os participantes o mais a vontade possível, inclusive sendo eles orientados de que tudo o que acontecesse nos encontros não seria comentado fora do ambiente, que a direção e professores da escola não ficariam sabendo de nada do que fosse acontecer ali, apenas algumas satisfações formais e superficiais, e que todo o material colhido serviria apenas de suporte para elaboração do trabalho formal e apresentação do estagiário, o arteterapeuta.

3.3 O RELAXAMENTO

Em todo início do momento arteterapêutico se propôs um momento de relaxamento, pois a inquietação era constante em todo início, e algumas vezes esta inquietação estendia-se durante todo o período. Em cada encontro foi ofertado um momento de relaxamento diferenciado, no primeiro encontro com exercício de respiração, no segundo encontro com música suave (apenas solo musical de relaxamento), com dinâmica de quebra-gelo, entre outras.

Nos três primeiros encontros houve resistência por parte dos meninos que inicialmente recusavam-se a participar da atividade, principalmente se esta exigisse que os olhos fossem fechados, a sensação de vergonha e timidez parecia ser o motivo pelos quais a recusa. Explicamos então que, ninguém estava obrigado, mas sim convidado a participar, então pode se observar que alguns aceitaram o convite apenas para sair um pouco do ambiente formal de estudos, a sala de aula, visto que, o horário do momento de arteterapia avançava alguns minutos ao da aula.

Porém, com muito esforço e tentativas de conquistar os participantes, vagarosamente se renderam e perceberam então ser importante este momento, em que eles poderiam se expressar sem que fossem reprimidos e repreendidos, ou até mesmo avaliados formalmente, pois a avaliação era feita por todos ao final de cada encontro.

3.4 REFLEXÕES SOBRE AS ATIVIDADES ARTETERAPÊUTICAS

3.4.10 adolescente e o (s) ambiente (s) de seu desenvolvimento

O desejo inicial era de que os participantes, alunos regularmente matriculados na Escola de Educação Básica Everardo Backeuser, no município de Descanso – SC, pudessem se sentir bem à vontade para esclarecer alguns pontos propostos no projeto de pesquisa ora apresentado, já que, a grande problemática enfrentada por educadores, funcionários, direção e até os próprios colegas de aula destes alunos permeia na questão indisciplinar e dificuldade de concentração destes, refletindo o comprometimento do andamento e funcionamento escolar nos aspectos de aprendizado e aprendizagem, pois o ambiente que tem esse propósito acaba por tornar-se um ambiente de passatempo para adolescentes descompromissados.

Conforme Oliveira (2005, p 57),

[...] aprendizagem ou aprendizado é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo). Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como “processo de ensino-aprendizagem”, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas, porém, em Vygotsky temos um significado mais abrangente, sempre envolvendo interação social.

E, sob essa ótica fica claro o desejo de dominar um ambiente por parte dos adolescentes, não desejando participar deste processo de envolvimento, que inclui o estar inserido nos limites e em uma proposta social. Grande parte desafiadora, não apenas aos professores do ensino regular, mas neste caso para o profissional da

arteterapeuta é despertar o adolescente, por meio da aerteterapia, a abrir a mente, a perceber-se e perceber o outro, e dar-se conta de que existe um sistema regrado dentro do convívio em sociedade que precisa funcionar em todos os sentidos, e que o aluno faz parte com suas particularidades.

Carl Rogers, psicopedagogo de grande influência, enfatiza que é preciso haver mudanças nas estruturas escolares para que se desenvolva uma educação centrada na pessoa, a leitura que se permite fazer é a de que a educação necessariamente seja (re) pensada em todos os seus âmbitos.

3.4.2 O ambiente da vivência: o comportamento disciplinar dos adolescentes

A vida escolar nem sempre é bem vista pelos estudantes, e na fase da adolescência é o momento em que há grandes descobertas, nesta fase é quando o sujeito passa a adquirir capacidades de decisões, de escolhas que poderão refletir o restante dos seus anos de vida, e grande parte destas escolhas ocorrerão com aprendizagem de sala de aula. Para Guedes (2000, p. 31)

Desde cedo as pessoas sabem que os conceitos científicos ensinados na escola diferem dos conceitos espontâneos que a criança adquire no seu cotidiano. A escola é o lugar específico, onde o conceito científico deve ser ensinado, tendo, em princípio, como objetivo, ajudar os alunos a fazerem a interligação do saber espontâneo com o saber científico. O significado desse propósito nem sempre é claro para aqueles que lidam com o ensino. Não raro encontramos professores lidando com a educação, de tal forma que parecem entender ser o ato de aprender um novo conceito equivalente a memorizar nomenclaturas e poder reproduzir tal qual memorizado no dia da avaliação.

E nessa perspectiva muitos adolescentes não se sentem cativados, pois as aulas parecem ser algo “chato”, monótono e sem graça, por que o adolescente precisa se expor a decorar longos trechos para provas? O que os leva muitas vezes a questionar a aplicabilidade de tal conteúdo em suas práticas de vida, e até mesmo para seu futuro. Muitas vezes o aluno fica limitado a decorar termos e conhecimentos meramente científicos que podem não caber ao seu contexto de vida, mas que meramente são impostos a apropriação dos alunos, sem que estes conhecimentos possam ser refutáveis, até mesmo porque os alunos não são preparados para serem seres pensantes e questionadores, e quando há essa tendência natural, a consequência pode ser a repreensão camuflada.

3.4.3 O contexto escolar na vida adolescente

No sentido de querer despertar o aluno para novas descobertas e desenvolvimento de novas habilidades, a arteterapia mostra que, quase todos os precursores, psicopedagogos, pedagogos, médicos, psicólogos, filósofos, terapeutas, entre outros estudiosos, utilizavam largamente o desenho artístico e as artes plásticas como ponto de partida em seus tratamentos e estudos com os pacientes, chegando a diagnósticos e na sequência o tratamento destes.

E nesta proposta a arteterapia entra na vida dos participantes que se dispuseram a participar neste momento.

Considerado o tema gerador da pesquisa e desenvolvimento do estágio com adolescentes, encontra-se a grande problemática que é o comportamento disciplinar dos adolescentes no espaço escolar. Diante disso as propostas de atividades foram pensadas a fim de que em cada encontro o grande objetivo era de identificar problemas particulares refletidos na coletividade e o levantamento de possíveis antídotos que combatam esse tipo de problema. A ideia era a de que os próprios participantes se percebessem, percebessem o outro e se auto-refletisse enquanto ser, que muitas vezes com atitudes politicamente incorretas prejudiciais a si próprio e aos outros.

A seguir relatamos os acontecimentos refletindo o processo como um todo modulado em encontros.

Em todos os momentos dos encontros os participantes foram recepcionados no auditório da escola, sempre com um abraço de boas-vindas ao grupo. Os seis participantes indicados pela orientadora educacional da respectiva escola se fizeram presentes, sendo que um destes chegou com 15 minutos de atraso. Iniciamos o momento com apresentação do plano para o estágio, após, sentados em círculo, fizemos o exercício de respiração: inspira e expira; inspira segura, e expira, na tentativa de acalmar os ânimos, pois são alunos extremamente agitados, não houve muito sucesso, pois estavam com dificuldades de manter os olhos fechados, as meninas conseguiam manter por mais tempo, porém os meninos não conseguiram manter os olhos fechados por mais de 15 segundos.

Neste momento inicial o objetivo era de conhecer os participantes em uma primeira impressão. Com um questionário que continha algumas questões de resposta pessoal a fim de que pudessem ser avaliados os comportamentos nos mais

diversos espaços, quem são as pessoas próximas e referências que estes adolescentes têm e que podem contribuir com o entendimento da formação social de sua identidade.

Após o relaxamento foi entregue aos participantes um questionário “quem sou eu” (ANEXO 1), para ser preenchido com questões individuais. Inicialmente houve dificuldade de concentração, as piadas eram constantes, e tudo era motivo de chacota entre os participantes, porém, com um pouco de insistência e muita conversa, sem chamar a atenção, todos conseguiram registrar algumas respostas interessantes, que serão analisadas mais a frente. As participações começaram a melhorar no momento em que todos estavam mascando chiclete, e quando foram informados de que não havia necessidade de se desfazer deste, todos ficaram felizes, e as falas foram unânimes: “*Até que enfim um professor que não é chato*”, disse o aluno “B”. “*Pelo menos um que não enche o saco.*” Afirmou a participante MI (2014), aí então percebi que seria melhor não bater de frente, mas sim conquistá-los.

Após o preenchimento do questionário de conhecimento pessoal, iniciamos uma conversa sobre o que havia sido escrito, e as falas começaram a surgir aos poucos, decorrida uma hora e 20 minutos, percebeu-se que não teríamos tempo hábil para a prática plástica do desenho, então ficamos na roda de conversa por cerca de 30 minutos, quando os participantes falaram muito acerca de seus aspectos do contexto familiar, social e escolar, então percebeu-se inúmeras dificuldades, que vão desde a falta do afeto familiar e atenção dos pais, pois eles demonstraram fortes traços de abandono intelectual, pois a família não acompanha o desempenho e desenvolvimento escolar, até refletir nas questões de comportamento indisciplinar na escola.

Considerando os objetivos propostos, pode-se dizer que as conversas finais versaram sobre os limites, as vivências em casa e na escola, quando alguns não são cobrados em casa das suas atitudes, e que perceberam a falta desta cobrança, refletindo seus papéis, sua identidade, direitos e deveres entre outros aspectos. Podemos destacar as seguintes falas: “*Meu pai sempre manda dinheiro, faz cinco anos que eu não o vejo, nem sei direito onde ele vive pois ele é caminhoneiro, minha avó não se preocupa comigo.*” (MI - 2014). Outro participante disse que viver com sua mãe e que ela nunca se interessa em saber sobre seu

aprendizado, que apenas fornece algum dinheiro para compra de material escolar, créditos para celular e internet.

O encerramento do encontro aconteceu com uma fala final, ressaltando a importância do eu e o outro, os valores e as individualidades de cada ser participante da coletividade, o que é possível ser feito coletivamente, o auxílio mútuo, trazendo os princípios de uma vida em cooperativa, baseado nos modelos existentes em nossa região geográfica que são exemplos de que o desenvolvimento de todos pode ser possível desde que haja interesse e pensamento coletivo e não individualizado. Aí se percebe que muitas vezes a individualidade se sobre aos interesses da coletividade. Por isso o desenvolvimento da atividade girou em torno de que cada um contribuísse para a formação da arte plástica, resultando em trabalhos esplendoroso que os participantes mesmo relataram ter sido muito mais fácil trabalhar, sendo que inicialmente unanimemente acreditavam que não seria possível obter bons resultados.

Imagem 1 – Atividade de pintura



Fonte: acervo particular, 2014

Em todos os momentos as atividades objetivavam o entrosamento e a percepção de que todo ser está no mesmo patamar de igualdades sociais, por isso que em quase todo o tempo o grupo se relacionava em círculo, assim, todos poderiam enxergar a todos. Fizemos a atividade de relaxamento “levanta e troca de lugar”, que objetivou fazer com que os participantes se desafiassem a refletir as

diferenças existentes no grupo. A primeira rodada de perguntas foi mediada pelo arteterapeuta que perguntou: “*Quem neste grupo não gosta de vir para a escola. Levanta e troca de lugar.*” Ao que, ninguém se manifestou. “*Quem neste grupo gosta da comida da escola. Levanta e troca de lugar.*” Quatro participantes mudaram. “*Quem neste grupo deseja melhorar algum aspecto em sua vida. Levanta e troca de lugar.*” Todos mudaram de lugar. Em seguida os participantes fizeram suas próprias perguntas, foi uma atividade bastante interessante e reflexiva, já que, as primeiras questões levantadas nortearam para as formas de como o adolescente percebe e vê a si próprio e ao outro.

Após, houve um momento de descanso, pois a atividade “levanta e troca de lugar” fez com que consumissem energias, aproveitou-se o momento e com um toque musical em volume baixo fez-se a leitura do texto “Eu Etiqueta”, o que acalorou ainda mais as reflexões sobre si próprio e houve necessidade de falas, porém, os participantes foram orientados a falarem apenas no final, pois o horário passou muito rápido e teríamos ainda uma produção de desenho com lápis de cor e folha de papel branca.

Refletindo sobre o texto proposto, as percepções de modo geral foram acerca dos jovens hoje serem escravos de algumas marcas comerciais famosas que virou moda entre os adolescentes e jovens. “M1” comentou: “*Se você quer se sentir parte do grupo você precisa se vestir igual, ai a gente sempre pede dinheiro em casa pra compra aquilo que os amigos têm*”.

Os participantes então puderam perceber que muitas vezes usam alguma coisa que nem gostam, mas porque veem o outro sentem necessidade de se sentir parte do grupo, e muitas vezes isso acaba sendo levado para a sala de aula. Conforme “B” que disse “*Eu nem sei por que eu incomodo tanto na sala, acho que é porque os “piás” do oitavo ano vão sempre pra diretora e eu acho isso legal.*”

Em partes o esperado era de que os participantes se expressassem por meio de utilização da linguagem escrita e falada, pode-se dizer que foi um tanto conturbado, mas que, com algumas poucas falas que pudessem ser aproveitadas, percebeu-se uma grande necessidade de os participantes desejarem se expor, da maneira deles, com piadas e muitas vezes palavras de chacota direcionadas a quaisquer pessoas que os rodeassem.

Em alguns encontros o grupo ficava desfalcado com a ausência de algum(s) participante(s) o que colaborou para que os encontros fossem mais ou

menos acalorados, talvez pelo número de pessoas. Duas meninas e dois meninos eram os participantes de um dos encontros. O objetivo era sempre o de unir pessoas e fazer com que despertasse a percepção em cada um das suas diferenças, porém não desiguais. Cumprimentamos-nos e sentamos em roda iniciando assim uma conversa informal, o ambiente estava com aroma de lavanda e dispunha de algumas balas para os participantes degustarem. Uma das participantes disse ter refletido bastante sobre si nos últimos dias, seus objetivos, suas perspectivas de vida, e como estava vivendo sua adolescência, com seus conflitos familiares e também seus conflitos interiores, as novas descobertas, e principalmente sobre seu comportamento. Neste momento nos detemos por alguns minutos, já que os participantes sentiam-se um pouco retraídos talvez pelo número reduzido. Fizemos um momento de relaxamento com música, sentados no chão refletindo sobre a vida, a natureza, os valores, os sentimentos, e como posso contribuir com os outros em casa, na sociedade e na escola.

Com a disponibilidade de tinta guache, pinceis e cartolina branca para que eles fizessem algum desenho relacionado a algum aspecto da vida. Então, eles solicitaram para fazer este trabalho em grupo, dividiram-se rapidamente em duas duplas, e os desenhos feitos foram sobre a natureza, conforme mostra a imagem 2.

Imagem 2 – Atividade de pintura



Fonte: acervo particular, 2014

Em alguns momentos houve resistência quanto à utilização das tintas, disseram não gostar de trabalhar com esse tipo de material. Porém, quando uma das participantes decidiu pegar uma folha e lápis e começou a esboçar. Logo em

seguida pegou pincel e tinta e iniciou seu trabalho de pintura dizendo: “*Vamos pessoal é muito legal. Professor pode misturar as cores?*” “MI”. Nesse momento foram informados que poderiam ser livres quanto às produções e utilização dos materiais disponibilizados.

No decorrer do processo da produção plástica, com um fundo musical suave, os participantes foram interagindo com as cores, e procurando fazer com capricho e cuidado seus desenhos. Os ânimos já estavam calmos e as conversas eram sobre o que produziriam.

Ao término das produções sentamos em roda e os participantes puderam falar sobre seus trabalhos. Destacamos a fala de “BB”: *Desenhei um por do sol, acredito que dias melhores virão*. “MI”: *Eu desenhei uma floresta, gosto muito do verde que dá vida*”.

Este momento acabou sendo mais marcado pela preservação e cuidados com a natureza do que com preocupações com as pessoas, por isso a fala final do mediador foi no sentido de não apenas cuidarmos do ambiente externo e não estarmos bem emocionalmente para desfrutá-la. A fala final foi no sentido de os adolescentes procurarem ver / perceber nas pessoas (familiares e professores) o que eles possuem de melhor, que apesar de muitas vezes as pessoas não demonstrarem o amor da maneira como desejamos, todos possuem em si sentimentos bons, e que muitas vezes ficam ofuscados pelas adversidades marcantes no presente século.

Houve um momento em que um dos participantes foi suspenso por envolvimento em depredação ao patrimônio escolar, esse esteve com um grupo de alunos com mais idade e estouraram os extintores de incêndio da escola. Em conversa informal com os demais, eles relataram não ter sido esta uma atitude correta do aluno, e que este deveria pagar por seus atos.

A música era presença marcante durante as atividades, ora cantada, ora tocada, mais alto, mais baixo, parecia trazer paz, alegria, além de tranquilizar muitas vezes e acalmar aos ânimos exaltados de um grupo com hormônios aflorando. Em um determinado momento tocamos a música “Eu te desejo”, e após, ouvimos propomos com dança de roda, ouvir e dançar. Os alunos gostaram muito, uma das participantes disse: *Eu nunca dancei na minha vida, que bom que é dançar, parece que a gente se solta, parece que eu estou flutuando*”.

Após o momento da dança, nos sentamos em roda e encaminhamos uma atividade de recorte e colagem. Cada participante selecionou 20 imagens de folhas de revistas que correspondessem a responder a pergunta: “Como eu me vejo e como os outros me veem, respectivamente”. As imagens selecionadas e recortadas foram coladas do lado de dentro de um cartão (como eu me vejo), e do lado de fora (como os outros me veem). Pareciam estar gostando de encontrar as figuras, um participante disse: *“Que legal, eu adorei a música, porque meu pai nunca me disse que deseja vida, longa vida pra mim”*. (JC – 2014). O pai deste participante mora longe e só vem pra casa a cada três ou quatro meses.

Após os recortes e colagens, ainda em círculo iniciamos mais uma vez a conversa de roda, os participantes falaram sobre o convívio familiar. “M” falou que seu pai é alcoólatra, e quando bebe fica muito violento em casa e diz que ela deveria ser mais útil, chama-a de burra e diz que não vai dar em nada, neste momento há uma pequena pausa de silêncio, que é logo quebrada por GM (2014) que pede para sair e ir ao banheiro. GM (2014) sai caminhando e dizendo entre risos e gargalhadas: *“Meu pai também me chama de maconheiro e de burro”*. Neste momento acontecem mais piadas e percebem-se dificuldades em saber se há realmente expressão da verdade.

Dois dos participantes colaram imagens positivas, de demonstração de alegria, com pessoas felizes, lugares agradáveis, convívio familiar em paz, o que parece contrapor com a realidade. Um participante escolheu imagens que denotam agressividade, com colagem de figuras de drogas, armas e pessoas em estado de sofrimento, porém no momento das falas, este preferiu ficar em silêncio.

Com o tempo já decorrido, fizemos uma breve fala ressaltando o bom, a oportunidade de estarem na escola com outras pessoas passando grande parte de duas vidas. Antes da finalização do momento arteterapêutico presenteei-os com chicletes e com um abraço, após ter ressaltado a valorização dos pontos fortes de cada participante e os potenciais que possivelmente poderiam estar deixando de se desenvolver na vida escolar, incentivou-se a busca pelo conhecimento e o andar em busca dos objetivos pessoais, foi um momento agradável de despedidas, solicitei que continuassem vindo aos encontros, “AR” falou: *“Eu estou gostando muito de fazer arteterapia, não vou faltar nenhuma aula”*.

Após o encerramento do momento, em conversa informal com a orientadora educacional da escola, ela falou que os participantes do estágio em

arteterapia são adolescentes vítimas de descaso familiar, e que na maioria das vezes os familiares não acompanham os alunos, e mesmo até em dias de entrega de boletins é comum comparecerem irmãos, vizinhos e tios para retirada, sendo que estes não são os responsáveis legais.

Imagem 3 – Atividade de recorte e colagem



Fonte: acervo particular, 2014

Houve um momento em apenas duas participantes compareceram. Neste dia fizemos a leitura do texto “Eu comigo mesmo, eu e os outros em casa e eu e os outros na escola”. (Anexo). Os textos com gravuras foram mostrados as participantes que gostaram muito de ver os desenhos. Após escutarem atentamente a leitura, conversamos sobre a formação pessoal de cada um que acontece em forma de uma árvore, com raízes, tronco, galhos e folhas, dando um significado para cada parte da árvore relacionando com as etapas da vida. Depois desta explanação utilizamos tinta guache, papel, rolo e bandeja de isopor para trabalhar gravuras em cartões com várias tiragens, qual cada participante decidira quantos cartões desejaria confeccionar e para quem encaminhar. Uma das participantes disse: *“Vou fazer um par minha avó, ela é muito querida e um pra diretora da escola, ela sempre me abraça e eu não dou muita bola pra ela.”* (MI - 2014). Neste momento fica perceptível que a adolescente reflete sobre si e sobre o outro. *“As vezes eu percebo que as pessoas estão muito cheias de problemas e aí eu penso que ninguém tem tempo para se preocupar com os meus problemas, só minha vó que as vezes me dá*

um pouco de atenção, mas as vezes ela é chata de mais, porque acha que eu deveria ajudar mais em casa.

O texto apresentado versa justamente a questão de formação do ser como um todo em meio aos convívios social, seus direitos enquanto adolescentes, mas também suas responsabilidades, preferencialmente as relativas aos estudos, já que muitas campanhas sócio educacionais propõem que lugar de criança é na escola. Então, neste âmbito, fica perceptível que, muitas vezes as políticas educacionais são de extrema importância e relevância, mas que falta cobrança para isso se efetive e traga os resultados esperados que tanto se almeja.

Muitas vezes, os casos de mau comportamento disciplinar acarretam sérias conseqüências, com prejuízos não apenas para o indivíduo infrator, mas também para os que dependem de serenidade para concentração diante de uma aula explicativa por exemplo, portanto, qual seria a posição mais adequada da escola, da família e do próprio adolescente diante desse desafio, o de melhorar a qualidade de vida, respeitando o próximo.

Nesta perspectiva, Carvalho (2013, p.20) afirma que:

Melhor seria que nós, professores, tratássemos o problema de um ponto de vista político, exigindo condição de atendimento para essa parcela da população, e não o abordássemos a partir de juízos moralizantes que acabam por penalizar justamente os alunos cujas condições de vida são as mais difíceis. A responsabilidade pela desigualdade não pode ser imputadas a jovens e crianças que acabam de chegar a este mundo, mas a todos aqueles que o habitam há décadas, ou seja, a todos nós, cidadãos adultos.

Neste sentido, o profissional arteterapeuta possui conhecimentos sensíveis a percepções de ordem sentimental, por isso, pode se sobressair mediando o educar com sensibilidade ao próximo, levando o aluno a reflexões fundamentais no combate as dificuldades de comportamento disciplinar.

Uma preocupação que permeava o tempo todo era de tentar fazer com que os participantes se percebessem como iguais uns aos outros, apesar das particularidades e diferenças características de cada individuo, e fazer com que houvesse reflexão no sentido de saber qual o meu papel diante do outro, o meu limite em relação às outras pessoas, por exemplo, a conversa inicial foi de mãos

dadas em círculo para que todos pudessem olhar um para o outro e observar as expressões de cada um, e só então dançamos em roda com a música “Brincadeira de roda”.

Os participantes relembrou as atividades dos encontros anteriores, os que não faltaram de nenhum encontro falavam em tom de querer dizer que tinham “perdido” os que não participaram e pareciam querer despertar ciúmes, neste instante tentamos desviar o foco aumentando o volume do som e aumentando a intensidade dos paços da dança em roda, houve sucesso nesta estratégia, logo todos estavam sorrindo e dançando bem à vontade. Nos sentamos no chão em círculo e iniciamos uma conversa sobre as brincadeiras da infância, houve relatos de infâncias vividas por momentos bons, no caso do participante que disse: *“Eu adorava descer no barranco com papelão, mas cada vez que eu ia brincar apanhava quando voltava pra casa, porque sujava toda a roupa”*. (BB – 2014). Outro participante relatou nunca antes ter dançado e que não sabia dançar, mas que sentiu uma “coisa” diferente quando dadas as mãos aos seus colegas. Neste momento estava estampado na face de todos que algo mexia com cada um interiormente.

Outra atividade marcante foi a “chave no pacote”. Em círculo, iniciamos em pé, cada participante pegou o pacote e com o tato deveria sentir o objeto que estava dentro sem poder olhar, enquanto eles observavam colocamos um fundo musical de relaxamento. O objetivo desta atividade era trabalhar um dos sentidos fisiológicos que é o tato, que muitas vezes passa despercebido. A chave era o objeto que poderia abrir alguns locais fechados que cada adolescente possui e que encontra na maioria das vezes dificuldades em abrir com seus familiares. Já que, como citado anteriormente a família demonstra certo desinteresse em dar o devido acompanhamento intelectual que este precisa, em função de ter elencado outras prioridades que não o desenvolvimento dos filhos, transferindo responsabilidades à escola.

Depois de termos sentido o objeto foi proposto que os participantes fizessem o desenho do objeto sentido, cada um desenhou a sua chave.

Estávamos em cinco participantes, e após desenharem as chaves iniciamos a conversa sobre o significado da chave, o que esta chave pode abrir. *“Eu quero usar essa chave pra abrir um futuro diferente, quero estudar mais e ser médica pra cuidar da minha família”*. (EC – 2014).

As conversas fluíram em torno do tema das dificuldades que os adolescentes possuem em conversar com os pais, devido aos mais variados tipos de “outras funções / compromissos”. Quando os adolescentes estão em casa com família, relatam que os pais encontram-se cansados demais do trabalho diário, Observa-se que a maioria dos pais são trabalhadores braçais. Então muitas vezes esses buscam o lazer nos aparelhos de celular e notebooks, navegando em redes sociais, ou ficam nas ruas em companhia de amigos.

Em roda de conversa os alunos participantes puderam expressar o que sentiram desde o momento da sensação de sentir pelo tato o objeto, até o momento de usar a chave ficticiamente para abrir suas portas.

Imagem 4 – Atividade de desenho



Fonte: acervo particular, 2014

A participante M1 disse que estava gostando muito de fazer arteterapia e que lamentava os outros colegas não quererem mais participar, mas que se fosse possível ela queria continuar até o final, disse que falou pra sua avó que estava participando de uma aula diferente que era bem melhor que a disciplina de artes.

Após alguns minutos de conversa fizemos o exercício de respiração profunda, e uma reflexão sobre como eu estou me sentindo hoje. A participante disse estar se sentindo leve após o relaxamento, e disse que adorava as aulas do professor, demonstrando ter a necessidade de atenção, o que muitas vezes não ocorre nas salas de aula, devido aos professores possuírem grande número de alunos que demandam atenção.

Propusemos a atividade com nanquim soprado na folha de papel e a pintura com tinta guache e pinceis. A atividade foi tranquila e rendeu trabalhos muito bonitos. MI disse: *“Adorei fazer esse trabalho, por que nas aulas de artes a gente não faz esses tipos de desenho.”* Esta atividade é bastante interessante se analisada no sentido de algumas manchas marcadas na vida de cada indivíduo não se apagarem, por mais que se tente pintar ou passar um colorido por cima aquela mancha estará sempre ali, mas que pode sim ser vista de outra maneira, como uma lição de vida. E esta reflexão os participantes trouxeram para si e colocaram ao grupo.

4 REFLEXÕES FINAIS

Durante muito tempo a família e a escola eram as duas instituições encarregadas de educar e formar as novas gerações, isso é possível perceber se conversarmos com alguns de nossos antepassados. Hoje, já não vemos mais esta realidade. Enquanto a família vem passando por enormes transformações, há inversão de muitos valores, como já citados, e muitas vezes o papel de educar com a educação tradicional, conhecida como a educação “de casa” acaba recaindo para a escola, e também para outros agentes como a televisão e a internet.

Na escola, há sensação de desvalorização, por parte dos agentes educadores, conforme conversa com alguns docentes, e a crise da escola que se agrava cada vez mais, existe um sentimento de solidão dos docentes, entre outros agravantes. Em uma conversa informal com uma professora ela disse desejar estar no lugar dos alunos para participar do momento arteterapêutico, o que demonstra sua insatisfação e cansaço.

Com o passar dos encontros, trabalhou-se a ideia de fomentar mecanismos e instrumentos que possibilitassem o reconhecimento do outro e que combatesse preconceitos e estereótipos impostos cada vez com mais intensidade na sociedade escolar, que se promovesse laços solidários entre os indivíduos, para que consequentemente se construísse a tão desejada coesão social, possível com a cooperação mútua. Para Gómez (2003, p. 16 e 17):

Aprender a conviver – e, por conseguinte, a conciliar interesses individuais e coletivos a partir do diálogo e da participação - será fundamental em uma sociedade na qual a heterogeneidade estará cada vez mais presente. Ensinar e aprender a conviver requer o desenvolvimento de programas específicos, em cujo eixo condutor deve estar a realização de práticas participativas e de conhecimento dos outros...” “...Os alunos vivem imersos em uma sociedade complexa, às vezes com famílias desestruturadas, mergulhados em mensagens televisivas ou cinematográficas carregadas de violência, com constantes mensagens de consumismo, individualismo e competitividade.

Cabe, então, a um conjunto, escola e família ensinar valores que estão em franca ruptura, fáceis de serem percebidos durante as práticas das atividades arteterapêuticas do grupo de adolescentes aqui referidos. Adolescentes, estes, que expressaram claramente em suas atitudes, palavras e produções plásticas descontentamentos, carência de afetividades, individualismo, falta de solidariedade,

abandono intelectual familiar, consumismo e violência. E que durante os momentos de participação do grupo de arteterapia parar e minimante refletirem acerca desta inversão de valores, e assim pelo menos tentar, a partir de si, a realização de algumas mudanças que poderão fazer a diferença, refletindo em sua saúde mental e física e também à saúde social coletiva escolar.

Inicialmente houve resistência por parte principalmente dos meninos que recusavam-se a participar das atividades, principalmente se esta exigisse que os olhos fossem fechados, a sensação de vergonha e timidez parecia ser o motivo pelos quais a recusa. Porém, com muito esforço e tentativa de conquistar os participantes, vagarosamente se renderam e perceberam então ser importante este momento, em que eles poderiam se expressar sem que fossem reprimidos e repreendidos, ou até mesmo avaliados formamente, pois a avaliação era feita por todos ao final de cada encontro.

Durante os encontros, foi possível perceber as mais variadas reações dos participantes que convivem em diferentes meios sociais, cujos quais podem ser motivos para o desencadeamento dos desvios disciplinares observados. A maioria dos participantes não consegue se concentrar por muito tempo, desvia o foco rapidamente e muda de temperamento o tempo todo, as provocações e busca pelo riso é constante, também é marcante a necessidade de exposição, todos fazem piadas.

A cada novo encontro fica difícil prever e ou saber as reações que acontecerão, muito embora os participantes se expunham sempre ao final de cada momento voluntariamente, e neste aspecto ficam facultados abrir o coração e compartilhar com os demais suas emoções.

O envolvimento dos participantes tem se dado de forma crescente. Inicialmente houve receio em participar de um estágio; um tanto diferenciado das rotinas escolares; no sentido de muitas atividades propostas serem semelhantes ao que se solicita em sala de aula convencional, houve resistência para ter que expressar os sentimentos na forma plástica (desenhos, pinturas, recortes, entre outros).

Os encontros para realização do estágio mexem diretamente com o mediador (estagiário) no sentido de reflexão, avaliação pessoal, dificuldades e facilidades em como agir profissionalmente com os participantes, de forma a mediar o seu próprio

desempenho e desenvolvimento, sem que sejam impostas as particularidades pessoais para o (s) participante (s).

Os participantes demonstraram muita carência de atenção, as meninas, principalmente desejavam estar próximo o tempo todo, procurando por abraço, e os meninos demonstravam necessidade de falar, relatar aventuras e contar fatos ocorridos.

“MI” foi a participante que mais mostrou progresso ao longo do processo, demonstrando querer ser uma pessoa melhor, cada nova participação esforçava-se para cumprir com a atividade proposta, e refletindo em seus aspectos escolar, querendo se esforçar mais para melhorar as notas no boletim.

Os resultados que tanto se almeja, não apenas por parte dos educadores, talvez até mesmo de algumas famílias que esperam que a escola torne seus filhos melhores cidadãos para a sociedade, mas principalmente para o profissional da arteterapia, pode não ser colhido de imediato. O que se pode observar é que houve sim algum tipo de mudança comportamental naqueles que desejaram, que pararam para se auto-refletir, repensar suas maneiras de ações, mas que a busca por resultados que possa tornar o ser homem melhor, pode despertar das atividades propostas por um arteterapeuta, e esta pode ser uma grande arma no combate aos mais variados tipos de violência, e este profissional dispõe desta arma, ele só precisa saber utilizar.

Alguns relatos informais de pessoas ligadas às atividades escolares dizem que houve mudança comportamental, para melhor, de alguns participantes, mas que outros poucos pareciam estar indiferentes. Isso pode se comparar a uma sementeira, que frutifica a seu próprio tempo, alguns mais acelerados por estarem abertos e receptivos, apenas esperando alguém que os possa auxiliar, outros, quem sabe, tão feridos que demandam ainda mais tempo, mas que poderão futuramente lembrar daquilo que ontem foi semeado em si.

Para o profissional em processo inicial de carreira, cada relato positivo agrega e muito à sua formação e o motiva à busca por melhorar cada vez mais, e também refletir sobre os resultados. Em cada atividade desenvolvida objetivava-se que o adolescente participasse com dedicação, que este mergulhasse em si e buscasse dentro de si respostas aos seus próprios questionamentos, e percebesse que muitas vezes os seus conflitos são os conflitos do outro, e assim fossem construídos caminhos alternativos que chegassem a um lugar comum, alcançando o mais

excelente lugar de paz, e que esse lugar que pode ser apenas a paz de espírito faça a diferença na vida de cada um e o torne um melhor filho, um melhor neto, um melhor aluno.

O ponto alto do resultado de todo o trabalho acontece quando uma mãe procura a escola e pergunta o que aconteceu com seu filho que está tão diferente no trato com a família, que é outra pessoa e agradece muito à escola por ter mudado a vida de seu filho para melhor. Isso mostra que valeu muito o esforço e a dedicação.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.

CIORNAI, Selma y DINIZ Ligia. **Arteterapia en Brasil**. Traducción: Marián López Fdz. Cao. Enviado: 16/03/08.

FERRREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas. SP: Papyrus, 2001, coleção Ágere, 2ª edição.

FRANCO, Maria Amélia Santoro, **Pedagogia da Pesquisa-Ação**, 2005, São Paulo, 2007

GÓMEZ-GRANELL, C.; VILA, I. (orgs.) **A cidade como projeto educativo**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUEDES. Enildo Marinho Guedes, **Fracasso escolar: a palavra**, 2000, Curitiba, HD Livros editora.

ORMEZZANO, Graciela. **Questões de Arteterapia**. 2 ed. Passo Fundo – RS: UPF, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo, 1990. Ed. Spicione.

OLIVIER, Lou de. Revista **Psique ciência e vida**. Acesso online em 05 de julho de 2015.

http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/assine/?Site_txt=GOOGLE&Origem_txt=BUSCA&Formato_txt=PSIQUE&qclid=CK-p7pa60cgCFRWAKQodPzchGg

SILVEIRA, Nise. **O mundo das viagens**. São Paulo: Ática, 1992.

VALLADARES, Ana Cláudia Afonso. **Arteterapia no novo paradigma da atenção em saúde mental**. 2004, Vetor Editora. 209p.